ILLUSTRAÇÃO = PORTUGUEZA

II SERIE Nº 26
DIRECTOR = CARLOS MALHEIRO DIAS

Illustração Portugueza

Director—Carlos Malheiro Dias

EDIÇÃO SEMANAL

EMPREZA DO JORNAL O SECULO

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia typographia e impressão — Rua Formosa, 43, Lisboa

Condições de assignatura

Portugal, colonias e Hespanha

Anno	4$800
Semestre	2$400
Trimestre	1$200

Assignatura extraordinaria

A assignatura conjuncta de O SECULO, do SUPPLEMENTO HUMORISTICO DO SECULO e da ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA

Anno	8$000	Trimestre	2$00
Semestre	4$000	Mez (em Lisboa)	70

EDITOR—JOSÉ JOUBERT CHAVES

O ANTIGO PASSEIO PUBLICO

Até 1750, póde dizer-se que Lisboa, não tinha um passeio.

Os elegantes esticados e empoados da primeira metade do seculo XVIII, quando queriam passear, iam para o Rocio. Davam dez voltas, doze voltas, vinte voltas, cortejavam para todos os coches e todas as berlindas que passavam, gastavam os sapatos de grande fivella de prata no empedrado grosseiro da rua,—e aos domingos, depois da missa, com o seu tricorne e o seu capote branco, o seu espadim doirado e a sua face pintada de carmim, podiam jurar com verdade que tinham visto passar em estufins e em florões, de liteira ou a pé, o que de mais fidalgo, de mais rico e de mais illustre havia em Lisboa. O Rocio era, no meiado do seculo de D. João V, o picadeiro das grandes elegancias.

Mas, com franqueza, nada se prestava menos do que o velho Rocio para o fim que a «francezia» elegante de 1750 lhe destinava. Era um terreiro irregular, atravancado pela escadaria sumptuosa do Hospital de Todos os Santos, pela fachada procidente do palacio da Inquisição e pelos arcos das lojas tão caracteristicas dos algibebes e dos mercadores do lado oriental, que avançavam as suas pilastras escuras e antigas na sombra confusa dos resaltos da casaria. Tinha sido, seculos antes, logradouro publico,—e ainda se resentia da immundicie dos velhos tempos, sempre cheio, de cães e de mendigos, de mulatos e de ciganos, de toda a malta dos *bas-fonds* lisboetas do seculo XVIII, que tanto dava que fazer ás corregedorias dos Bairros. Coche que passava, a bambolear a sua talha doirada, era logo assaltado por um enxame tumultuoso de pobres. Os garotos cortavam com tesouras as casacas de seda dos «faceiras», pescavam-lhes as cabelleiras de rabicho, faziam-lhes assuadas enormes e compromettedoras. Não se podia namorar. Os proprios baetas circumspectos e graves eram acommettidos pela garotada, que os fazia de fel e vinagre. As escadas do Hospital Real tinham-se tornado coio certo de mendigos e de frades pedintes,—e cá fóra ouviam-se os gritos dos loucos e dos possessos aferrolhados no pavimento terreo do grande hospital manuelino, ali mesmo no coração da cidade, por detraz das grades que deitavam para o terreiro... Se juntarmos a isto a fachada sombria da Inquisição, antigo paço dos Estáos, com a sua figura da Fé a rematar-lhe o frontão severo, comprehende-se decerto que o Rocio do meiado do seculo XVIII não podia ser nem um passeio commodo, nem um passeio agradavel.

Justino Soares
(*Caricatura de Raphael Bordallo Pinheiro*)

Justino Soares n'um baile infantil á Luiz XV, no Passeio Publico—*Caricatura de Raphael Bordallo Pinheiro*

Foi isso justamente o que pensou o grande marquez de Pombal, depois do terremoto de 1755, ao lançar os fundamentos da sua Lisboa moderna. O illustre ministro pensava em tudo,—na politica e na administração, na diplomacia e nas finanças, na industria e no amor, nos jesuitas e nos passeios. Não havia duvida: a cidade precisava d'um jardim,—um grande jardim onde os coches rodassem sumptuosamente, alamedas de buxo cheias de sombras que pequeninos pés calçados de velludo vermelho

O Passeio Publico em 1848 — O tanque

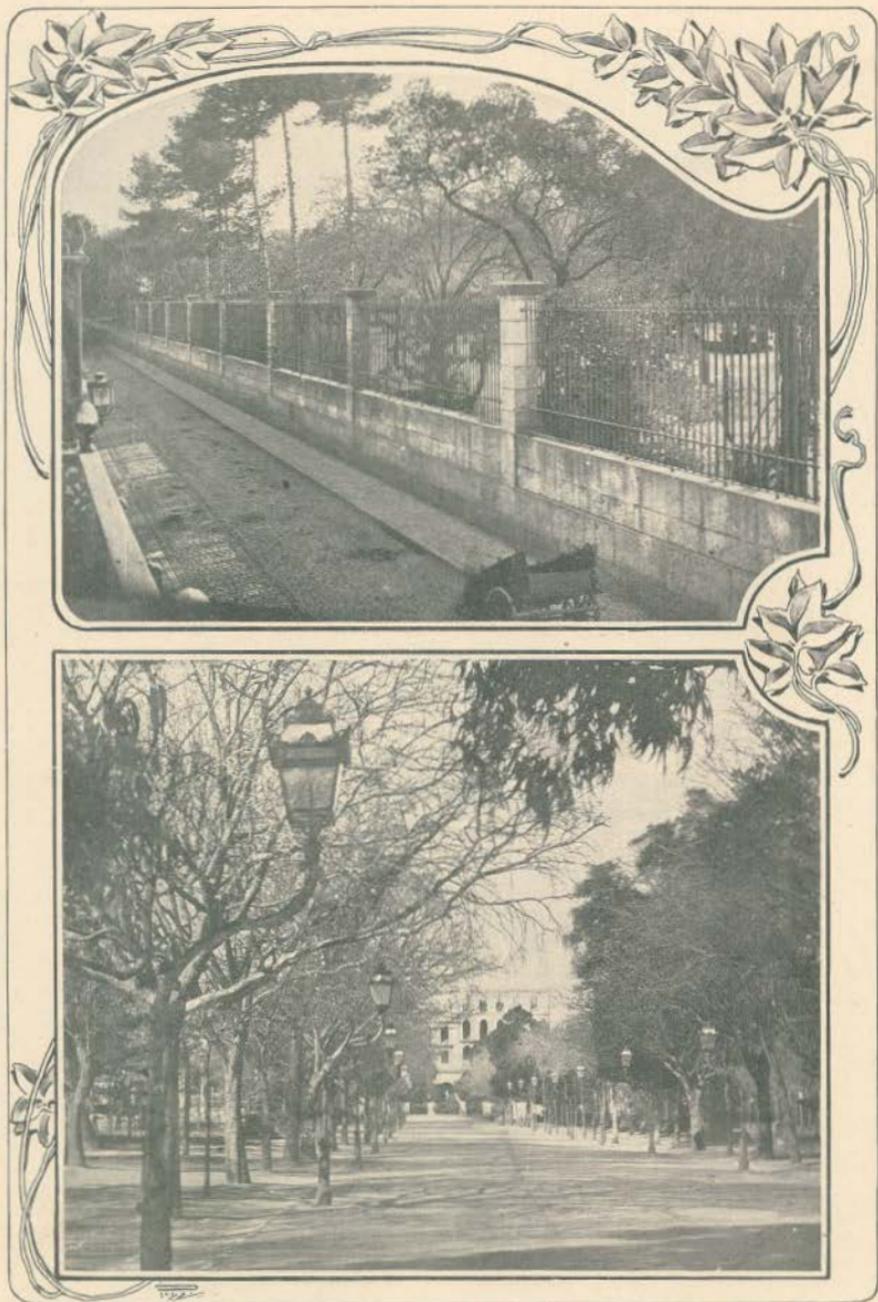
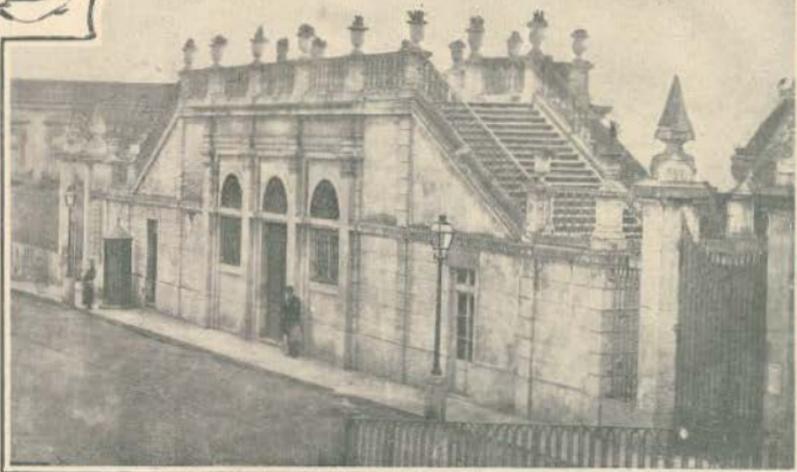
pisassem, bancos de pedra junto de estatuas onde o Amor espreitaria, por detraz d'uma roseira, o dialogo empoado, frisado, pintado e perfumado da loira Nyse e do galante Corydon... E como Lisboa precisava d'um jardim, Pombal, sempre generoso, sempre habil, sempre previdente,—mandou-lhe dar um jardim.

Onde havia de ser? Em que local? Em que ponto commodo da cidade? Ahi estava um problema. Mas Pombal resolveu-o facilmente. Havia em Lisboa um sitio lugubre, alagadiço, cheio de ruinas e de pedras, para onde depois do terremoto se iam lançando todos os entulhos. Chamavam-lhe as *Hortas da Cêra*, e ficava pouco adiante do Rocio, ao tornejar o palacio Cadaval, entre as eminencias da Cotovia, de S. Roque e de Sant'Anna. Iam ahi habitualmente os ladrões roubar moedas ou joias que ainda appareciam nos escombros. De noite ninguem por ali passava, a não ser os quadrilheiros á caça dos larapios,—que uma vez colhidos pela justiça eram pendurados summariamente n'uma forca erguida mais acima,—na *Praça do Verde*, depois Alegria de Baixo. Esse terreno sombrio estava por conseguinte encravado entre uma forca e a Inquisição. Mas o grande ministro não se preoccupou com a visinhança lugubre que o acaso déra ás *Hortas da Cêra*,— e encarregou em 1764 o architecto Reynaldo Manuel de delinear um jardim sobre aquelle rincão alagadiço de Valverde que os entulhos do terremoto atravancavam. Era ordem d'el-rei-Pombal: executou-se.

Pouco depois, a velha e nobre Lisboa já não precisava do Rocio para fazer rodar os seus coches, bambolear as suas berlindas e surgir os penteados immensos e caricaturaes das suas mulheres: tinha um *Passeio Publico*.

Mas esse *Passeio Publico* do marquez de Pombal e do architecto Reynaldo não era ainda o que os nossos paes e os nossos avós conheceram. Era no mesmo local, é certo, —mas revestia outra physionomia bem differente da que apresentou mais tarde. Rodeavam-no uns muros altos, conventuaes, onde de vez em quando se abria uma janella gradeada, com os competentes poiaes de pedra. Tinha um ar de quinta nobre, com os seus freixos immensos transplantados das propriedades de Ratton, na Barroca d'Alva, as suas banquetas de buxo tosquiado, o seu ingenuo desenho *Le-Nôtre*, a sua alta cancella verde. A proximidade dos palacios Lumiares e Castello Melhor ainda augmentavam a illusão de que o novo Passeio era apenas o jardim fidalgo d'alguma das duas grandes casas. Por ahi passearam as elegantes do tempo da sr.ª D. Maria I, cheias de joias e de polvilhos; por ahi fizeram tilintar as suas espadas os officiaes de Junot, brilhantes de impudor e chamarrados d'oiro; por ahi se juraram, sob a folhagem sombria dos freixos, muitos amores eternos em idyllios de dez minutos; por ahi sonharam os visionarios de 1820, vestidos de briche e illuminados de idéas romanas, o sonho azul e branco da Constituição. Era n'esse fresco e primitivo jardim que as elegantes de Lisboa, sacudidas pelo romantismo nascente, vestidas de musselina e toucadas de rosas, faziam o seu «*embarquement pour Cythère*». Com uma pedra d'armas sobre a porta seria um jardim solarengo; com um jogo-da-bola ao fundo seria uma cêrca conventual. E entretanto, era apenas um ingenuo e grave *Passeio Publico*, como o comprehendera a phantasia accêsa d'um grande ministro e a arte modesta d'um pequeno jardineiro.

Mas um Passeio que convinha á segunda metade do seculo XVIII não podia convir á primeira metade do se-

A entrada norte do Passeio Publico, em 1850

1—Rua Oriental do Passeio Publico; 2—Rua Central do Passeio Publico

1—Entrada norte do Passeio Publico [lado da rua das Pretas]; 2—A cascata

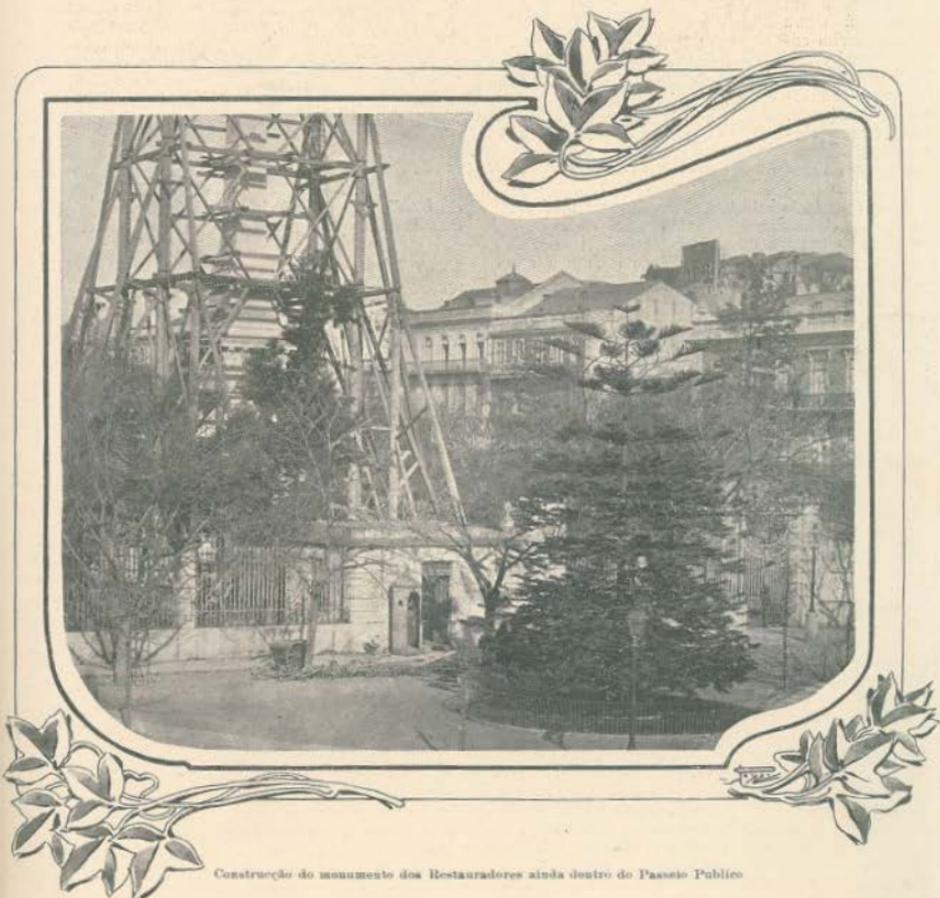
A demolição do Salitre (lado norte do Passeio Publico)

culo XIX. A Lisboa jacobina de 1834 não saberia passear agradavelmente n'um jardim que tinha todo o ar conventual e recolhido d'uma cérca fradesca. O velho Passeio pombalino, com o seu feitio *Le-Nôtre* e as suas banquetas de buxo tosquiado, o seu caramanchão de azulejos e a sua cancella verde, os seus muros altos e as suas arvores alinhadas a cordel, era demasiado seculo XVIII, demasiado antigo regimen, para uma cidade de *sans-culottes* que acabára de roubar e de enxotar os frades. Por conseguinte, no mesmo anno em que foram extinctas as ordens religiosas, —quasi no mesmo dia, principiou a reconstruir-se e a transformar-se o *Passeio Publico* de Lisboa.

A primeira coisa que fizeram foi arrasar-lhe os muros e substituil-os por um gradeamento de ferro interrompido de espaço a espaço por grossas pilastras de pedra. O velho jardim fradesco tomou logo um ar moderno de *square* inglez. Depois, em vez da antiga cancella de quinta nobre, levantaram duas immensas portas de ferro, «*mais seguras que a Bastilha*»,—como dizia Alexandre Herculano n'um artigo desalentado e triste do *Panorama*. O largo anterior á cancella, que primitivamente não estava comprehendido nos muros, foi envolvido pela nova cinta de varões de ferro: o *Passeio Publico* ficou por conseguinte mais extenso e menos abafado, mais inglez e menos fradesco, mais civilisado e menos conventual. Depois, o novo architecto, que se chamava Malaquias Ferreira, lembrou-se de que no antigo jardim do Paço dos Estáos havia quatro figuras de pedra representando duas sereias e dois tritões, teve a idéa luminosa de as ir buscar,—e applicou-as, com um mau senso verdadeiramente admiravel, no meio d'um tanque estupidissimo que fez construir á entrada do *Passeio*. O tanque era pequeno, as figuras eram immensas: o effeito não podia deixar de ser monstruoso,—em que pesasse ao pobre auctor dos monos, o esculptor Alexandre Gomes, obscuramente morto em 1801. Em seguida, á phantasia fertil do jardineiro-architecto occorreu a idéa de uma cascata immensa,—uma cascata onde pudessem aproveitar-se dois cysnes e uma Nayade de pedra que a sua boa vontade infatigavel descobrira tambem n'algum outro jardim velho. A cascata fez-se, como se fizera o tanque. Por fim, Malaquias foi-se ás arvores, aos velhos freixos annosos de Ratton — freixos de cabellos brancos, freixos de quasi um seculo—e toca a cortar n'elles com uma ferocidade verdadeiramente digna d'um vereador municipal de 1906. Então, o bom Alexandre Herculano não poude dominar-se, e protestou:—«*Queriamos ao menos que se poupassem as arvores, senhores!*» Mas a furia arboricida do homem não se importou com o propheta da bibliotheca da Ajuda, as

arvores foram decotadas,—e o novo *Passeio Publico* appareceu com menos verdura e mais estatuas, menos caramanchões e mais jogos d'agua, prompto para absorver patriarchalmente os ocios d'uma cidade aborrecida, que já começava a sentir a falta dos *Lausperennes* e das procissões, dos frades e dos outeiros de Abbadessado...

Era este o *Passeio Publico* que os nossos paes e os nossos avós conheceram, com a sua larga rua central, e o seu gradeamento em volta á moda de *square* inglez. Ainda assim, em 1847, o velho jardim soffreu uma modificação imposta pelo bom gosto do tempo: foi abolido o tanque, com as suas sereias e os seus tritões, a sua bacia acanhada e o seu pequeno repuxo. A alameda seguia direita, d'um topo a outro do *Passeio*. As arvores cresceram, as banquetas de buxo desenvolveram-se,—e o velho jardim tomou então definitivamente a physionomia grave e triste que nós ainda lhe conhecemos, quando em 1879 lhe foi dada a sentença de morte e quando em 1882 começou a demolição do gradeamento.

Foi precisamente depois de abolido o tanque, que no *Passeio Publico* começaram a dar-se as grandes festas que ficaram na tradição e a que toda Lisboa concorreu. Eram illuminações com fogos de artificio deslumbrantes, que faziam as delicias da burguezia de merinaque e de saia de balão, de calça de ganga amarella e de casaca azul com botões dourados. Tudo o que havia de melhor em Lisboa ia ao *Passeio* sentar-se nas cadeiras dos velhos do Asylo de Mendicidade,—em cujo beneficio eram dadas as festas. A mais brilhante das illuminações do *Passeio* foi em 1851,—já depois de haver gaz em Lisboa. Não se calcula o *frisson* de enthusiasmo que sacudiu a velha cidade, durante as dez noites de agosto em que se realisaram os festejos annunciados. As antigas velas de cebo, as primitivas tigelinhas de azeite, os balões venezianos multicôres, foram substituidos por enormes renques e estrellas luminosas; levantou-se um obelisco rodeado de 7:300 lumes a meio da alameda principal; os jogos d'agua da cascata, batidos de focos de luz amarella, azul e vermelha deslumbraram as bellezas lisboetas de botinha de duraque e saia de balão; e n'um transparente habilmente disposto, ao fundo

Construcção do monumento dos Restauradores ainda dentro do Passeio Publico

do *Passeio*, os effeitos luminosos do *Calospintéchromocréme* fizeram as delicias do fallecido infante D. Augusto, — a quem o povinho, sempre bem disposto, passou a designar, d'ahi por diante, pela alcunha pittoresca de — *Carlos-Pinto-come-créme*. A partir de 1857, quasi todos os annos se fizeram festas e illuminações. Não havia celebridade alguma estrangeira que não viesse exhibir-se ao *Passeio Publico*. Em 1869 estreiou-se um cançonetista negro. Em 1878 a Spelterine, funambula admiravel, atravessou o *Passeio* n'uma corda bamba, de *maillot* e maromba em punho, á altura d'um terceiro andar. Organisavam-se *Orpheons* de creanças, cantava-se a *Sulipanta*, dançavam-se choreographias imaginadas pelo bailarino Justino Soares, — e a população de Lisboa, alegre, despreoccupada, com os ouvidos cheios de musica, com os olhos cheios de luz, esquecia as torpezas da politica e as miserias dos seus grandes homens, — como uma grande creança a quem acenam com um brinquedo luminoso...

No antigo Passeio Publico — *Caricatura de Raphael Bordallo Pinheiro*

Mas o sonho municipal d'uma grande Avenida, — que remontava a um discurso do vereador Severo de Carvalho, em 1863, — vinha ha muito ameaçando a existencia do velho *square*. Por fim foi dada a ordem demolidora, e as pesadas grades e as espessas pilastras de pedra abateram, restituindo o antigo terreno das *Hortas da Cêra* á nova e aristocratica Avenida da Liberdade.

Acabára o *Passeio Publico*.

A maldição honrada de Herculano, em 1840, quando via o municipio a cuidar de lagos e de cascatas em vez de tratar do povo e das estradas, — ficara suspensa sobre o velho jardim, como uma pesada sentença de morte:

— *«O camponez não irá por certo com o seu jaleco de burel vêr a cascata do Passeio, mas ha de bemdizer quem melhorar a estrada por onde elle guia a muito custo o fiel companheiro das suas jornadas...»*

J. D.

Baile infantil politico — General Macedo, Alfredo Ribeiro, marquez de Vallada, Guiomar Torrezão, Rodrigues Sampaio, conselheiro Nazareth, Justino Soares, Princeza Ratazzi, Casal Ribeiro, Fontes — *Caricaturas de Raphael Bordallo Pinheiro*

O Zambeze mysterioso

I — COMO ENTRÁMOS NA KAHOURA-BÁSSA

Dois maltrapilhos no alto de *M'Panda-Unkúa* ◎ Devastam a vegetação para gosarem o panorama ◎ Recordações da ascensão a *Tchenta* ◎ A idéa do tenente Roby, herdada com a bussola d'este mallogrado rapaz ◎ Contraste entre a *Kahoura-Bassa* e o *Baixo Zambeze* ◎ Provaveis cançonetas com que este justamente virá a ser ridicularisado ◎ Informações desfavoraveis dos guias ◎ *Kahoura-Bassa*, que quer dizer *apodreceu o trabalho*, vae ter um sentido completamente opposto ◎ Necessidade de ser explorada antes de chegarem os agentes dos *magazines* inglezes, e da profanação pelos cartazes do *Pears' Soap* ◎ A confluencia do *M'Sanangua* ◎ Região selvagem ◎ A arvore de Livingstone ◎ A catarata *Kapoltôlhe* apoucando o Zambeze ◎ Na confluencia do *Lúnia* ◎ Uma estação infeliz ◎ Tambem gravamos a nossa arvore ◎ Começa o passeio a tornar-se difficil: N'alguns pou os subimos muitos metros para galgar os contrafortes ◎ Viajamos arrastando-nos a pés e mãos pelos rochedos rolados pela agua ◎ Região deserta: nem mesmo ha *lagartos* ◎ Passagem pittoresca por baixo de *Tchepirizina* e *Sídia* ◎ Um sonho debaixo d'uma pedra ◎ O genio da *Kahoura-Bassa*, parecendo irritado pelas nossas observações astronomicas ◎ O caso do informador anonymo: ainda lhes falta mais um mez! ◎ Resposta á lettra.

N'aquella manhã, 7 de novembro de 1905, já passava das oito horas quando acabámos de trepar ao cume do monte.

Era de vêr-nos, em trajo bem differente do typo schematico de parada do viajante africano: uns maltrapilhos, de botas grossas e maltratadas, calças rôtas dos espinhos e cheias de remendos, camisa desabotoada deixando vêr os braços e o peito queimados do sol africano, como a cabeça, que faria o desespero de um cabelleireiro europeu, coberta por um chapeu de velhice incalculavel, com vestigios do que fôra ha muito tempo uma fita... eis como chegámos ao alto de *M'Panda-Unkúa*, esse pico de 520 metros que forma a hombreira sul da *Porta dos Arrojados*, tambem chamada *Porta do Inferno*, por onde o Zambeze lá em baixo se precipita.

—Soda!—foi o nosso grito de triumpho, que decerto eccoou pela primeira vez por aquelles altos.

Ainda lá vinham abaixo as garrafas, mettidas a refrescar nos seus baldes de lona cheios de agua fria da noite. E emquanto não chegam reparemos no que nos cerca:

Mais de uma centena de pretos semi-nús veem chegando, carregados de objectos de uma apparencia heterogenea: um toldo, machados e facas de matto, artigos de cozinhar, algumas caixas de feitios differentes, carabinas e cartucheiras, tripés e machinas photographicas, e a inseparavel peça de algodão com que nos guindam quando é preciso, mesmo por uma parede acima se apparecer.

Por cima de enormes rochedos

Mas não ha tempo a perder, a olhar para esses objectos então tão nossos familiares, e, possuidos de uma especie de furor, começa-se a rapar aquelle tôpo do monte, das numerosas arvores que o cobrem, e que felizmente são pouco desenvolvidas, talvez pela pobreza do terreno, que a chuva ha tantos seculos vem lavando para encher as ravinas, ou por causa das queimadas, que, uma vez em cada anno, vão tolher o desenvolvimento das arvores da Zambezia.

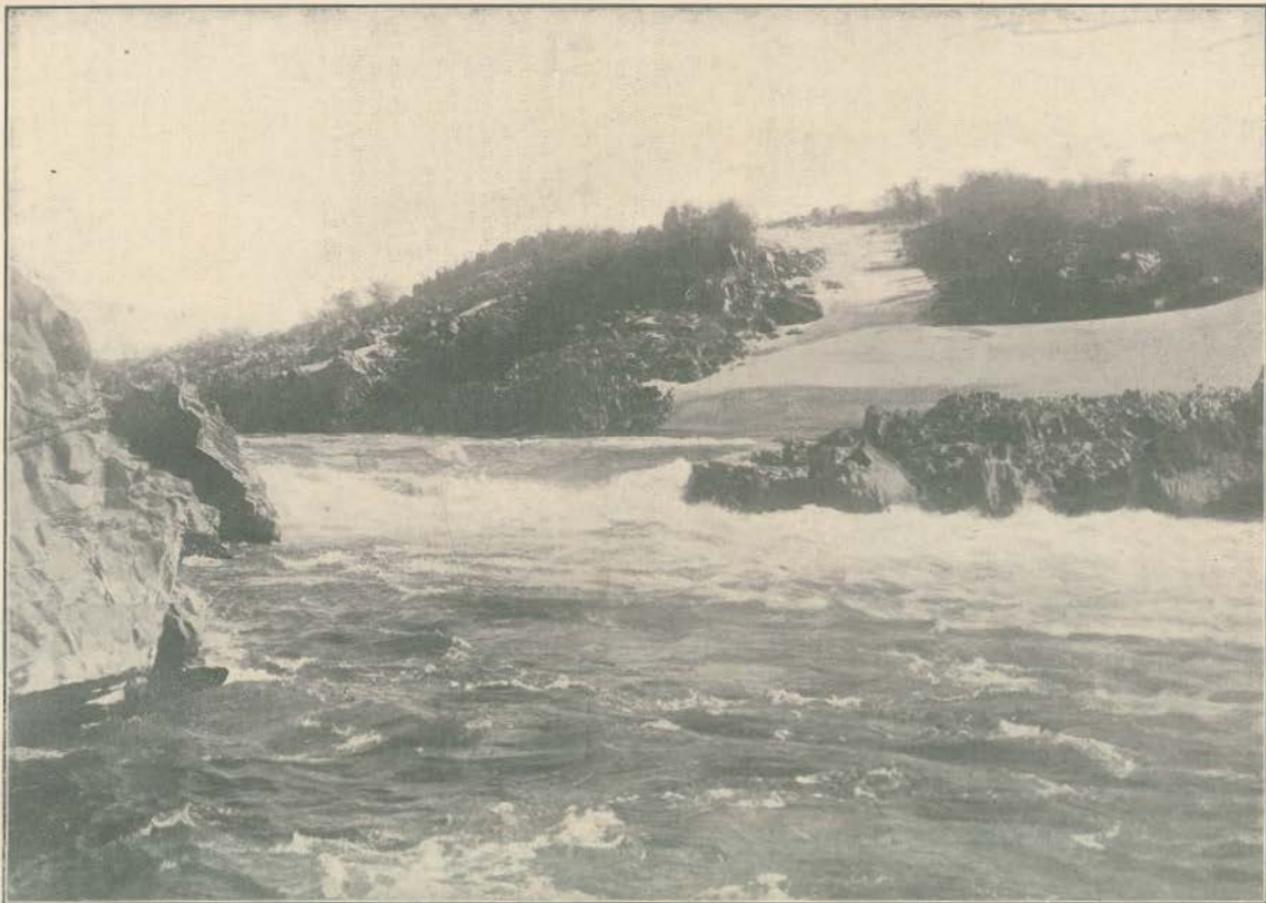
Em breve só resta no alto a arvore isolada, que ha de ficar a servir de marca visivel ao longe, e póde-se admirar o panorama que nos cerca: Para o Sul estende-se uma immensa planicie, que vae até ao *Lúuia*, e que corre o horisonte para Oeste até ir bater nos montes que se levantam abruptamente, como que ali postos de proposito pela Natureza para permittirem ao Zambeze a formação d'essa parte do seu curso, decerto das mais extraordinarias dos rios de Africa, se não do mundo, e que em breve iriamos devassar.

Para o Norte, do meio de uma enorme confusão de picos arrendados, avulta, como que commandando-os, o elevado pico *Tcheúta*, que as nuvens ainda em parte encobrem. E vem-me á lembrança a nossa viagem lá cima, ha pouco mais de um anno, a ingreme subida de mil metros, as horas perdidas no nevoeiro á procura do cume mais alto, e, por fim, como apotheose de magica, o abalar das nuvens, mostrando em torno aquella pittoresca vista de balão, em um raio de mais de cem kilometros. Fôra n'esse dia, ao reparar como a curva mais norte do Zambeze se afastava dez milhas do desenho das cartas conhecidas, que eu invejára a sorte do tenente Roby, a quem, havia poucos dias, cedera uma bussola para lhe servir na viagem que a sua imaginação aventureira lhe inspirára, atravez d'esta parte do Zambeze, que mesmo o grande Livingstone, por falta de recursos, não pudera atravessar.

E quando, alguns mezes depois, ao chegar a Tete, me restituiram aquella bussola, que Roby não aproveitára para ir inutilmente correr de encontro ás zagaias cuamatas, no sul de Angola, pareceu-me que com a bussola herdáva tambem d'esse heroico rapaz a sua idéa, que os recursos materiaes de que eu então dispunha tornavam para mim mais facilmente praticavel.

Por isso cá estavamos. E reparando agora para o grande rio, era bem manifesta a transição entre o Baixo Zambeze, que aqui por baixo termina, com a navegação, e a parte das cachoeiras que segue para cima, onde a agua parece desapparecer, tão tenue é o fio brilhante, que no oculo do theodolito nos mostra a agua a serpentear em um ridiculo ribeiro, que mal parece dar passagem a toda essa immensa toalha liquida, que para baixo da *Lupáta* se estende em kilometros de largura, sobre um leito que parece a transição entre um rio e uma planicie, tão baixa é por vezes a espessura da agua, onde vapores de um calado inverosimil, por sua vez compromissos de leveza entre navios e balões, durante alguns mezes do anno nem sequer conseguem passar.

E bem differentes são tambem as margens. No Baixo Zambeze ellas muitas vezes não se distin-

Na fronteira de Missále

A catarata *kapolhólhe*, onde a agua, encontrando um canal de uns 30 metros de largura...

A parte das cachoeiras que segue para cima de M'Panda-Unkúa

guem das ilhas, pois margens e ilhas, tudo é coberto pela agua das cheias, tão baixas e monotonas são,

ora areia, ora capim,
bolas para um rio assim!

define a canção local, já feita, á espera de que algum dia cantores internacionaes a venham berrar aos ouvidos embotados do mineiro dos *goldfields* nos concertos de variedades de Tete.

Pois d'aqui para cima é o contrario. As margens são altas, de centenas de metros, ravinadas e alcantiladas, e a poucas leguas escondem-nos o Rio, que nem se adivinha por onde passa, tão cerrada é essa floresta de picos conicos e desarrumados, n'uma especie de armazem geographico.

Comtudo, ainda mal adivinhávamos o que nos esperava nos dias seguintes, apezar das informações dos guias de *Boróma*, que nos apontavam com os dois braços levantados para o ceu, para nos convencerem de que lá para cima o rio não dará passagem, sendo como que um corredor altissimo, com a agua funda a bater nas paredes de um e outro lado. E informavam-nos assim com um sorriso de triumpho, por a Providencia (elles eram christãos) ter entendido acabar ali com a navegação, que tanto castiga o povo do Zambeze, n'esses longos dias a pagaiar de costas ao sol nas almadias, cantando para enganar o cançaço, almejando que a cantilena caracteristica dos prumadores accuse pouco fundo, para variarem das pagaias para os *póndos* (¹), emquanto não chega o fim da viagem, e começa o interminavel descanço á porta da *palhota*, a barriga ao sol, a *mapira* a fermentar, as mulheres *colimando*...

Por isso a esta parte do Zambeze puzeram o nome de *Kahoura-Bassa*, que quer dizer na linguagem indigena *apodreceu o trabalho*; e não podiam vêr com sympathia que dois brancos, mal intencionados, quizessem romper com a tradição, ousando continuar por dentro do Rio, não já de almadia, mas a pé, que era peior, porque eram quatro ou cinco toneladas da bagagem, de que esses homens exquisitos se cercam, que tinham que ser carregadas á cabeça por cima das pedras polidas pelas cheias.

Não valia, pois, desanimarmos tão cedo, só por essas informações suspeitas; era necessario proseguirmos, tentar ser os primeiros a desvendar a geographia d'esse recanto desconhecido da Africa, emquanto cá não apparecia algum inglez, a fazer reportagem para os *magazines*, ou a sujar as pedras com a bandalheira dos cartazes do *Pears' soap*, ou do *Nectar Tea*, para quem já vão sendo poucos todos os muros da vasta Africa do Sul.

Continuámos portanto a 7 de novembro de madrugada, para aproveitar a fresca, cortando por terra da *Porta do Inferno*, que ainda é navegavel em escaleres, e que já em dezembro de 1904 tinhamos reconhecido no bote da *Granada*.

Quasi duas horas depois de largarmos de *Tchekokoma* íamos cahir já na *Kahoura-Bássa*, um pouco abaixo do rio *M'Sananguu*. O Zambeze, que, por baixo de *M'Panda-Unkúa*, pouco mais tinha de cem metros de largura, alarga aqui ainda outra vez a perto de meio kilometro, mas o leito da agua, que agora está na sécca, vae-se pouco a pouco estreitando e em breve se reduz a um fundo regueiro de menos de 50 metros de largura, que o

Um fundo regueiro de menos de 50 metros de largura...

(1) Varas.

rio, com o andar de seculos tem conseguido escavar nas rochas, a que os detrictos arrastados pelas aguas deram um negro polido, ficando n'um ou n'outro logar a areia a alvejar. Mas ainda não ha quedas, e, em rigor, poderia uma almadia navegar pelo canal, lá em baixo, 10 a 15 metros abaixo do banco de areia por onde vamos penosamente caminhando, sem largar o caderno nem a bussola, que, apezar de leves, bastante nos pezam, e tanto mais que é já extraordinariamente selvagem a região, principalmente povoada de rochas negras convulsionadas e corroidas pelas aguas e pelas pedras, com que ellas se armam nos redemoinhos, talvez para mais depressa acabarem de entulhar o mar.

Rochas negras convulsionadas e corroidas...

Já n'esta noite dormimos perto da chamada *arvore de Livingstone*, uma melambeira na margem sul, onde se lêem ainda as lettras

LIV

do seu nome, e onde a lenda diz que elle chegou no *Ma-Robert*, sem que nós comprehendamos como n'esse vapor de pequena velocidade, elle, que não era marinheiro, conseguiu romper pelo perigoso regueiro, por entre pedras e rapidos, onde só um barquito de grande força, como os de petroleo, hoje se atreveria a tentar navegar. E nem este mesmo conseguiria passar mais para cima, porque é aqui, ao pé da povoação *Kapuplika* e da confluencia do rio *Tchemádzi*, que apparecem as primeiras pequenas cataratas.

No dia seguinte o aspecto do rio continúa o mesmo: penedos brilhando ao sol e desarrumados, margens elevadas e de vegetação rachitica, d'onde por vezes sobresae um ou outro cóne mais elevado; mas o leito do rio vae apertando ainda mais, e a agua limita-se ao constante regueiro irregular e arrendado, que nem já nos interessa apesar do seu incontestavel pittoresco.

A's 8 horas parámos para photographar a catarάta *Kapolhólhe*, de 2 ou 3 metros de desnivelamento, onde a agua, encontrando um canal de uns 30 metros de largura, se vê obrigada a passar, protestando com ruido e espuma e desconsiderando o Zambeze, que assim parece apenas um pequeno regato engrossado pelas chuvas!

Pouco depois acampámos em frente da confluencia com o rio *Lúaia*, de grande importancia, pois vem de algumas centenas de kilometros ao norte, drenando toda a região até ao extremo norte da fronteira, perto do lago *Nyassa*, onde nasce entre a serra *Dzalainhâma* e o monte *M'Tambantchipére*. E no dia 10 de novembro, do alto do pico *Inhantseu*, que domina este ponto, pouco felizes somos, porque bem pouco se póde fixar do curso do Zambeze, que a pequena distancia se perde entre altas e complicadas serras, como de resto o *Lúaia*, que com o seu leito largo e pedregoso e o competente regueiro cavado, parece um Zambeze em ponto pequeno.

Na maior arvore que perto d'este acampamento encontrámos, por signal que bem pequena, gravámos por nossa vez esta inscripção, que decerto não tornaremos a ler:

8—11—05
G. C.
V. R.

como já tinhamos cortado letras semelhantes na arvore de Livingstone, para lhe continuar a tradição.

Logo a pouca distancia d'aqui para cima, o aspecto do rio trasforma-se inteiramente: a largura

O aspecto do rio transforma-se inteiramente

do leito reduz-se a cem metros, a da agua a cincoenta, e augmenta o numero de pequenas quedas, rapidos e obstaculos, que em qualquer epoca do anno, mesmo de cheias, tornariam a navegação impossivel.

Ambas as margens são talhadas quasi a pique, tendo por vezes que treparmos a grandes alturas para vencer algum contraforte inaccessivel. E de um e outro lado as serras que bordam o rio sobem a alturas inverosimeis, que medimos entre 600 e 900 metros acima do nivel da agua!

O viajar torna-se em extremo penoso. Não ha, é claro, carreiro, e temos que nos arrastar como macacos por cima de enormes rochedos, que nos não dão presa, tão puidos estão pelas aguas das cheias. De maneira que a custo se avança um kilometro por hora, e isso mesmo com bastante esforço, porque as pedras queimam as mãos, e até os encortiçados pés dos carregadores, os quaes levam desde manhã até á noite para vencer apenas meia duzia de kilometros. Como as solas das botas escorregam, temos por vezes que andar em meias; os paus ferrados não dão apoio, e, para descer de um ou outro penedo mais alto, deixamo-nos arrastar com proveito sobre a parte mais larga das calças! A viagem representa para nós um esforço desesperado, apesar de nos ultimos dois annos termos mais treino de andar pelo matto do que por estradas; mas proseguimos, talvez para acabarmos mais depressa, talvez por sport, eu sei?! com receio dos inglezes problematicos, que nos parece vêr avançar lá de traz pela *Porta do Inferno*, armados de lapis e detectiva, por conta dos *magazines*, ou para o *Baedecker*...

Para vencer algum contraforte inaccessivel.

No fundo d'este funil em que o recanto do rio nos fecha...

De modo que os gritos — *Soda!* e *Moenda* (1)! que soltamos a miudo inaugurando-os n'estas paragens, e são transmittidos pelos carregadores de rocha em rocha, não teem já o tom de triumpho do alto de *M'Panda-Unkúa;* são gritos de afflicção, de desespero, n'este deserto.

Porque isto é tão selvagem, que é deserto: Os antilopes não se atrevem a cá vir beber, e nada ha que receiar aqui do leopardo, do leão ou do rhinoceronte, nem que pensar nas carabinas que dormem pacificamente dentro das suas capas. Não ha povoações. Alguns pretos, poucos, vivem lá nos altos, mas raras vezes se decidem a descer essas centenas de braças, para vir cá abaixo pescar. O cavallo marinho deixa-se ficar lá mais para baixo, onde lhe atirámos, ao pé do *Lúnia*, e não sobe até aqui, onde não poderia viver, por ser muito fundo e haver falta de pastos. Nem vemos rasto de jacaré, *lagarto* como na Zambezia se lhe chama, porque não ha pontas baixas para elles dormirem a sésta, nem bancos de areia para lhes chocar os ovos.

E no segundo dia d'esta viagem tão fatigante, tendo já passado pela base do pico *Tchepirizina* (cujo ponto mais alto do ovoide roládo, que o corôa, se avista cá do rio a 790 metros acima de nós) e seguindo ainda pelo sopé do pico *Súdia*, caracterisado pelo seu bico duplo, vamos esbarrar n'uma

(1) Tripé da bussola e das machinas photographicas.

O sopé do pico *Sàdiá*, caracterisado pelo seu bico duplo

Mas o leito da agua vae-se pouco a pouco estreitando ...

agua, agora tão limpida, que em frente deslisa pacificamente. E não sonhamos com delicias da Europa nem almoços opiparos no *Bragança*: o pesadelo mantem-nos aqui: sonho com isto mesmo, sonho com a viagem pela *Kahoura-Bássa*, com o penedo debaixo do qual estou dormindo!

Já o dia ia escurecendo, quando, tendo chegado as cargas e a caravana, acabamos de almoçar, porque o sol depressa se esconde cá no fundo d'este funil em que o recanto do rio nos fecha;

volta subita, em que o rio vem do Sul, e de onde nos não parece facil passar, tão aprumados são os rochedos.

E' meio dia, e as cargas e toldos só á tarde chegarão; mas encontramos, felizmente, um enorme penedo, que ensombra uma pequena praia de areia, onde extenuados nos deitamos a dormir, á espera do almoço, depois de nos termos banhado na

Penedos brilhando ao sol e desarrumados...

Do alto da povoação *Kapoplika* para jazante

e como outra coisa se não via cá de baixo, a não ser um limitado sector do ceu no zenith, temos que tratar de montar o theodolito, para perguntarmos onde estamos ás estrellas, essas informadoras de mais confiança do que os guias, e mesmo do que a bussola e podómetro, que ambos depressa se desorientam por estes trilhos irregulares e esta paizagem sem horisonte.

Mal acabámos, logo que se acondicionou o instrumento outra vez nas suas caixas, e nos preparavamos para nos deitar, ou-

viu-se, lá da outra margem do Rio, chamar uma voz humana. Saltámos fóra da barraca, com curiosidade de saber o que nos queria essa voz nocturna e mysteriosa, que dir-se-hia ser de algum dos nossos, se ali houvesse almadia para o embocar; e logo que se estabeleceu esta singular palestra, de uma para a outra margem do Zambeze, reconheceu-se com segurança e allivio que não era o *genio da Kahoura-Bassa* quem nos interpellára perguntando-nos a latitude: era

Pico Tchepirizina

Pela base do pico Tchepirizina

um modesto habitante das serras visinhas, que o escuro da noite cobria de anonymo, e, assim protegido, nos informava de que ainda nos faltava *uma lua* de viagem, sem trilhos, por cima das grandes pedras roladas, e entre serras ainda mais altas do que estas, para chegarmos a *Chekôa;* e concluia este seu telegramma sem fio por nos aconselhar a voltarmos para traz e deixar o Rio.

Irritou-me injustamente esse impertinente conselho d'aquelle dedicado indigena da *Kahoura-Bassa*, que, sem duvida, com bastante trabalho, descera do seu ninho,lá no alto da serra para nos vir manifestar com tal eloquencia a hospitalidade africana, e respondi bruscamente ao nosso interprete:

—Diz-lhe que acabo agora mesmo de conversar com o meu *muzimo* [1] e que elle me disse que a *Chekôa* já está perto!

Mas, já deitado na cama, de campanha, emquanto não adormecia, não pude deixar de tirar a mascara, e ir reflectindo sobre o que nos esperaria para a frente d'estes rochedos, onde hoje viéramos esbarrar, tanto mais que já só havia menos de uma semana de mantimentos para a minha gente, a quem estas marchas tanto estavam extenuando e desmoralisando. E sem elles como haviamos de sahir d'aqui?!

GAGO COUTINHO.

[1] Deus, feitiço.

A ACTRIZ ADELINA ABRANCHES

A mais popular e querida das nossas mulheres de theatro. Curioso typo de artista, de temperamento aventureiro, alado n'uma ancia de liberdade, stygma de mourisca de que a sua raça ainda conserva a marca, esta creaturinha de olhar vivo, figura pobre e toda alma, n'outro paiz que não fôra o nosso, podia bem ser uma d'essas heroinas, que as lendas apregoam, capazes de sacrificar a sua vida a uma idéa alevantada que abrangesse um grande sonho de justiça e de belleza.

Toda a sua vida como a sua arte é cheia de arrebatamentos, tudo instincto, tocando quasi sempre a medida exacta do sentimento das multidões que a adoram e acclamam n'um enthusiasmo doido e insatisfeito.

A vida scenica da grande actriz começou quando todas as creanças brincam e riem: aos quatro annos. D'ahi por diante, foi um triumpho ininterrupto, tumultuario, progressivo. Actriz, quando as outras creanças apenas balbuciam, póde affirmar-se que Adelina bateu entre nós, em toda a linha, o «record» da precocidade.

Nasceu comediante.

Como Adelina começou ◎ Justino Soares, seu iniciador ◎ A polka das Terças ◎ Os meninos Abranches ◎ Em D. Maria ◎ Estreia de Adelina no «Botão d'Ancora» ◎ Antonio Pedro e Theodorico ◎ Uma actriz... que brincava com bonecas

Foi ao velho Justino Soares, que a esse tempo já ensinava as meninas da Baixa a dar piruetas e saltinhos elegantes, que coube a honra de apresentar ao publico aquella que é hoje uma das nossas actrizes de mais nomeada. Foi elle que a iniciou e começou a popularisal-a.

Adelina e um seu irmãosito, ainda pequeninos, frequentavam juntos a aula do Justino e de tal maneira se portavam na arte de dar á perna que o mestre resolveu apresental-os em espectaculo, dançando uma polka de sua lavra, n'um barracão do *Passeio Publico* e reclamando-os em cartazes onde se lia em lettras enormes:

A POLKA DAS TERÇAS

ORIGINAL DE JUSTINO SOARES

dançada pelos

MENINOS ABRANCHES

Foi n'um recanto d'esse passeio, já hoje historico, que Adelina recebeu os primeiros applausos do publico d'essa epoca. Não houve ninguem que não achasse uma graça infinita áquella polka e áquelles meninos. No tablado do barracão a pequena tinha feito successo: faltava consagral-a no palco de um theatro. O acaso veiu ao seu encontro e facilitou-lhe o caminho.

Uma tarde, que ella brincava com os irmãositos no atrio do theatro de D. Maria, como era seu costume, porque morava n'uma das ruas proximas, a pequenita lembrou-se de organisar um es-

Adelina Abranches aos 19 annos

A actriz Adelina Abranches—(1901)

pectaculo em que só ella representava, pondo os irmãos a escutal-a como espectadores. Embrulhou-se n'uma esteira que estava perto e tantas momices fez e taes coisas disse, que o porteiro Martins fartou-se de rir, achou immensa graça ao diabrete da pequena, e dizia a toda a gente que estava ali uma grande actriz. Estes brinquedos repetiam-se, os actores foram-na conhecendo e rindo das historias que o Martins contava d'ella, até que um dia, estando em ensaios uma peça em que era precisa uma creança, o velho actor Theodorico lembrou-se da Adelina, ensinou-lhe um papelinho e d'ali a pouco a pequena representava no palco do nosso primeiro theatro, agradando immenso e enternecendo a platéa. Estava lançada a pequenina actriz. D'ahi por diante todas as peças em que entrasse uma creança tinham um logar para a Adelina.

O peor é que ella era endiabrada e vivissima. Nada parava com ella. Quando subiu á scena a peça *Botão d'Ancora*, de Cesar de Lacerda, esteve mesmo para ser despedida. Fazia n'essa peça um papel de rapaz, mas era tão traquina e tão cavallona que, como o seu camarim fosse no ultimo andar, nunca descia as escadas senão a cavallo no corrimão, de forma que todas as noites rasgava os calções para alegria do guarda-roupa e desespero do emprezario.

Aos onze annos matriculou-se no Conservatorio, mas o seu feitio indisciplinado e rebelde não se sujeitava a regras ou a normas. Dentro em pouco *desistia* do curso,— para escripturar-se em D. Maria. Todos a estimavam. O Theodorico era tão amigo d'ella que lhe dava muitos vestidos de presente, e o Antonio Pedro levava-a para casa, onde quasi passava os dias. Estava iniciada. O patrocinio do dois grandes mestres não podia deixar de ser a previsão de um triumpho.

Já todos viam na Adelina uma grande actriz —e ella ainda brincava com bonecas.

Adelina Abranches

Os primeiros theatros e o primeiro namoro ◎ Uma madeixa de cabello feita pincel de caracterisação ◎ Os primeiros successos no Principe Real ◎ A actriz do povo ◎ Uma phrase de Eça de Queiroz ◎ «A Perola», de Marcellino ◎ «A Rosa Engeitada», de D. João da Camara ◎ A celebridade

Quando a creança se foi tornando mulher e poude comprehender que a vida do theatro para

Adelina Abranches no *Avó* de Perez Galdós (1905), papel de *Dolly*—Adelina Abranches na *Galdéria*

quem como ella era tão pobre tinha de ser um officio e muitas vezes bem penoso, deixou-se levar de palco em palco vendendo o seu trabalho a quem melhor pagasse.

Percorreu quasi todos os theatros de Lisboa. Esteve nas *Variedades*, no *Luiz de Camões* em Belem, e no *Rato*, onde pela primeira vez lhe foi dado um papel de vulto na *Maria da Fonte*. Tinha dezeseis annos, edade em que o amor desperta com a sua legião de sonhos dourados e felicidades inaccessiveis. Então, Adelina, como todas as raparigas da sua edade, teve um namoro. Foram trocadas madeixas de cabello, algumas cartas e muitos juramentos. Um dia, porém, os namorados arrufaram-se, disseram as ultimas, acabou-se tudo, — e elle, o D. Juan, exigiu d'aquella que agora detestava a troca immediata da madeixa, das cartas e... de mais nada. A Adelina ficou furiosa, correu ao theatro, foi á gaveta de *toilette* do seu camarim, tirou uma especie de pincel, metteu-o n'um enveloppe e mandou-o junto com as cartas. Era a madeixa de cabello do namorado, que ella tinha amarrado a uma caneta e com que costumava pintar-se, para a scena.

A actriz Adelina Abranches na *Maria da Fonte* (1882), no papel de *Fagulha*

Foi assim que acabaram os seus primeiros amores.

Do *Rato* passou Adelina para o *Chalet* da Rua dos Condes, onde representou operetas e revistas, entrando depois para o *Principe Real*.

O primeiro papel dramatico que desempenhou n'esse theatro foi na peça *Bambocha ou Os trapeiros de Paris*. A interpretação dada por Adelina á ingenua revelou mais do que uma esperança, com grande espanto seu, que se julgava inteiramente destituida de vocação para o drama. Dentro de pouco tempo a actriz era festejada com saudações de sympathia, o que da parte do publico representava uma distincção invejavel para uma actriz modesta. Porém, este acolhimento era feito apenas pelo populacho, freguez assiduo do dramalhão de faca e alguidar que o *Principe Real* explorava. A critica do tempo, *snob* e aristocratisada pela arte de luva branca e redondilhas que o D. Maria exhibia aos seus frequentadores, nunca ousára tomar a serio nem em consideração os artistas que se limitavam a fazer chorar e rir o povo.

O prestigio da actriz limitava-se á alma popular, quando Marcellino Mesquita entregou no *Principe Real* a sua peça *A Perola*, rejeitada havia pouco pelo theatro de D. Maria II. Como a rejeição do dramaturgo que já tinha mostrado as suas grandes qualidades de homem de theatro na *Leonor Telles* fizesse um certo barulho na zona intellectual dos cafés e dos jornaes, — na noite da *première* da *Perola* accorreu ao theatro da rua da Palma toda a Lisboa que litteratejava, interessando-se uns pelo fracasso, outros pela desaffronta n'um successo. Adelina teve papel na peça, e tão bem soube abrandar as arestas do seu talento inculto, tanto talento e tanta alma poz na sua creação, que a critica, louvando o auctor pelo triumpho, não poude deixar de referir-se á rapariga, fazendo-lhe a justiça que merecia.

Passado este momento, em que o seu nome brilhou n'uma attenção ephemera de noticia, a actriz volveu de novo a ser o que era d'antes, — a fiel interprete do soffrimento, das alegrias das almas populares, e assim ficou durante muitos annos até que uma noite Eça de Queiroz, assistindo á representação da *Galderia*, perguntou ao conde d'Arnoso, cravando o monoculo na orbita enrugada:

— «Mas quem é esta grande actriz que ninguem conhece?»

A phrase, repetida pelas salas e pelos cafés, fez successo. Aquella rapariga que ninguem conhecia era evidentemente uma grande actriz. Sabido o interesse que ella despertára ao grande romancista, a sua consagração estava assegurada. Adelina começou então a ser vista, admirada e comprehendida por alguns homens de lettras que propositadamente escreviam peças para ella, — entre os quaes D. João da Camara, que na *Rosa Engeitada*, drama intenso e popular de sentimento e de paixão, marcou a mais gloriosa *étape* da vida accidentada da illustre artista.

D'ahi a pouco, «*a grande actriz que ninguem conhecia*» — na phrase suggestiva do romancista do *Primo Basilio* — era uma das actrizes mais admiradas

Adelina Abranches e Antonio Pinheiro no *Segredo do Padre* (1900)—Papel de *Maidy*

Adelina Abranches e Amelia Vieira na *Ignez de Castro*, de Maximiliano de Azevedo, (1897)—Papel de *D. Constança*

não só em Lisboa, mas no paiz inteiro,—não só nas ingenuas platéas populares, mas nas grandes platéas de luva branca.

A actriz do povo vencera em toda a linha.

EM D. Amelia ◎ A «Resurreição», de Tolstoi ◎ A «Severa» ◎ Em Coimbra ◎ Adelina e a Academia ◎ Em D. Maria ◎ Uma actriz de instincto

O visconde S. Luiz Braga contractou-a immediatamente para o D. Amelia, aproveitando a aura que a envolvia, e apresentou-a ao publico como uma verdadeira novidade. Dentro em breve, com enchentes successivas, fel-a representar a *Severa* em confronto com Angela Pinto, que a tinha feito com successo, a *Rosa Engeitada*, a *Resurreição*, a *Cruz da Esmola*, de Eduardo Schwalbach, em *travesti*, a *Anecdota* e a *Ceia dos Cardeaes*, de Julio Dantas, emfim, uma serie ininterrompida de triumphos, porque em cada uma d'estas novas creações o grande talento da Adelina soube arrancar um novo e ruidoso successo.

Quando a companhia de D. Amelia fez n'essa epoca a sua *tournée* pela provincia, Adelina teve em Coimbra a maior consagração que é dada ás creaturas eleitas para o triumpho. A Academia prestou-lhe uma commovedora homenagem de sympathia que a enterneceu até ás lagrimas. Foi quasi uma apotheose. N'uma das noites de espectaculo, representando-se a *Resurreição*, de Tolstoi, quando Adelina entrou em scena, a Academia que enchia o theatro atirou-lhe n'um enthusiasmo as capas e os gorros, junccou-lhe o chão de flôres, ergueu-a ao collo n'uma ovação delirante, e por ultimo, findo o espectaculo, toda aquella mocidade alegre e descuidada, atapetando-lhe o caminho com as capas, acompanhou-a ao hotel entre vivas e palmas, n'uma glorificação enorme, singular, inexcedivel.

Adelina Abranches na *Morgadinha de Val-Pereiro*, (1889)

Tão grande foi esta manifestação que o nome de Adelina ficou na lenda da Academia; e ainda hoje não é raro n'uma terreola de provincia onde a actriz vae dar alguns espectaculos apparecer-lhe um coimbrão a offerecer os seus serviços, presenteando-a de fructos, entregando-se ás suas ordens para falar á musica, procurando emfim, por todos os modos, ser agradavel áquella creatura celebre e quasi lendaria. É tal o reconhecimento que Adelina tem por tudo isto que, ao recordar as manifestações de Coimbra, os olhos arrazam-se-lhe de lagrimas.

Hoje que a actriz abandonou o D. Amelia para entrar como societaria de 1.ª classe em D. Maria, occupando um logar que na scena portugueza de direito lhe pertencia ha muito, o seu nome festejado e querido em todo este paiz é a maior conquista que o seu trabalho e o seu talento souberam alcançar. Se tivesse alguem a encaminhar-lhe os passos desde que balbuciou as suas primeiras interpretações, Adelina, por certo, ficaria na scena portugueza tão grande como Antonio Pedro.

Para bem poder avaliar as raras qualidades d'essa actriz que podia ser enorme, é necessario conhecer de perto as pequeninas manifestações do seu caracter, da sua vida intima, das suas predilecções, do seu temperamento, e comparal-as na scena. Embora a sua arte seja o espelho d'essas qualidades, é para nós ponto de fé que a sua obra teria maior vulto, se outra cultura e outra preparação lhe tivessem aberto o caminho.

Adelina Abranches (1888)

Assim, a creadora da *Rosa Engeitada* pode dizer como o grande Antonio Pedro, quando o felicitavam depois d'uma celebre creação:

— Calhou!

A vida intima da actriz ◎ A actriz em casa ◎ O seu grande coração ◎ Adelina... enfermeira na guerra de Cuba ◎ A comediante e a mulher

Parece que depois de tirada a mascara da scena, o artista devia transformar-se de tal fórma que a sua pessoa não pudesse ter relação alguma com as figuras que apresentou. Porém, assim não acontece aos artistas d'um temperamento vigorosamente accentuado.

Adelina em casa tem a mesma graça, ora fina e delicada das comedias em gibão de velludo, ora maliciosa das peças traduzidas na chalaça frescalhona que faz rir o portuguez a bandeiras despregadas. As suas lagrimas são aquellas que a Katucha, de Tolstoi, chorou na prisão ao vêr-se perdida e desgraçada: não tem outras quando soffre. As suas alegrias, são eguaes áquellas que em scena ella nos mostra no seu riso franco e expansivo. Emfim, suggestionando-se quando quer, tem essa qualidade estranha de sentir, como se fôssem proprias, as alegrias, desesperos, amarguras, desenganos e enthusiasmos das figuras que interpreta.

Fazendo uma vida carinhosa e simples, Adelina, uma vez recolhida á intimidade, precisava fazer das horas de ocio uma profissão, dedicando-se a espalhar toda a sua bondade.

Como tivesse na familia um sobrinho que parece contar cinco annos, mas que já vive ha vinte e cinco, caso curioso de infantilismo, Adelina apiedada d'aquella desgraça chamou á sua protecção o monstrosinho, velando por elle, amparando-o, acarinhando-o com um affecto e um amor maior talvez que o da propria mãe.

Adelina Abranches aos 19 annos

Naturalmente inclinada á generosidade do sentimento, Adelina não pode vêr soffrer ninguem e sobretudo quando esse soffrimento é causado pela oppressão. Parece que a sua raça inteira de plebêa se levanta n'uma revolta.

Quando foi da guerra de Cuba era tal a sua indignação pelos oppressores, que chegou a tirar passaporte para se alistar no exercito cubano como enfermeira. A familia, porém, adivinhando-lhe a intenção, embargou-lhe a passagem, fazendo-a desistir d'uma loucura.

Adelina Abranches no *Auto de Maria Parda*

Adelina Abranches no *Auto de Maria Parda*

A sua vida é cheia de episodios semelhantes que marcam bem o caracter d'essa actriz, cujo temperamento havia fatalmente de fazer d'ella a mais querida e popular das nossas actrizes. A bondade de Adelina é como o seu talento: espontanea, irreflectida, impulsiva, admiravel.

A paixão com que representa no theatro é a mesma paixão que põe na vida.

S.

CONTINUADO DO N.º 25

Introducção da lucta franceza em Portugal ◎ Os luctadores Oronte e Dupont em Lisboa ◎ Primeiros ensaios de lucta por amadores no Real Club Velocipedista de Portugal ◎ Iniciativa do sr. Pedro del-Negro ◎ Amadores que o secundaram ◎ O luctador Gerardi ◎ «Match» entre este e um saloio do Zambujal ◎ Abandono do exercicio da lucta por parte dos amadores portuguezes ◎ Iniciativa do sr. José Pontes e da revista «Os Sports» com a coadjuvação do Real Gymnasio Club Portuguez ◎ Primeiro campeonato nacional de lucta para amadores ◎ Renascimento do gosto por este «sport» ◎ Primeiro campeonato internacional de lucta para profissionaes ◎ Enthusiasmo que este espectaculo provoca.

No nosso paiz não existe lucta nacional e a introducção da lucta franceza é de data muito recente.

Ha meia duzia de annos, pouco mais ou menos, appareceu em Lisboa, exhibindo-se no Colyseu dos Recreios, o luctador Oronte, que lançou um desafio em forma a quem com elle quizesse defrontar-se, compromettendo-se, segundo dizia, a dar 100$000 réis áquelle que o vencesse. Foi esse desafio acceite por um tal Dupont, que se apresentou como residente no Porto, mas que, na realidade, era um companheiro de Oronte, por signal, como elle, luctador bastante adextrado. Fizeram os dois uns *matchs* de lucta, mas com golpes previamente combinados, isto é, o que os francezes denominam *chiqué*. Entretanto o publico tomou-os a serio, sendo Oronte bastante applaudido, e em verdade com justiça, senão pela seriedade da lucta, pela elegancia, correcção e variedade dos golpes empregados.

A esse tempo era o sr. Pedro del Negro socio do extincto Real Club Velocipedista de Portugal, e, enthusiasmando-se com aquelle genero de *sport*, então completamente inedito em Portugal, começou com outros seus consocios a estudar os golpes da lucta franceza. Os que mais se dedicaram a esse exercicio, além do sr. del Negro—que deve, portanto, considerar-se o introductor e iniciador da lucta em Portugal—foram os srs. Arthur Duarte Pereira, Ivens Ferraz e Gastão d'Almeida Santos. O ultimo d'estes senhores tinha um tratado de lucta de Leon Ville, sendo por esse livro que os novos e inexperientes luctadores aprenderam os golpes que deviam executar e as regras que tinham a seguir.

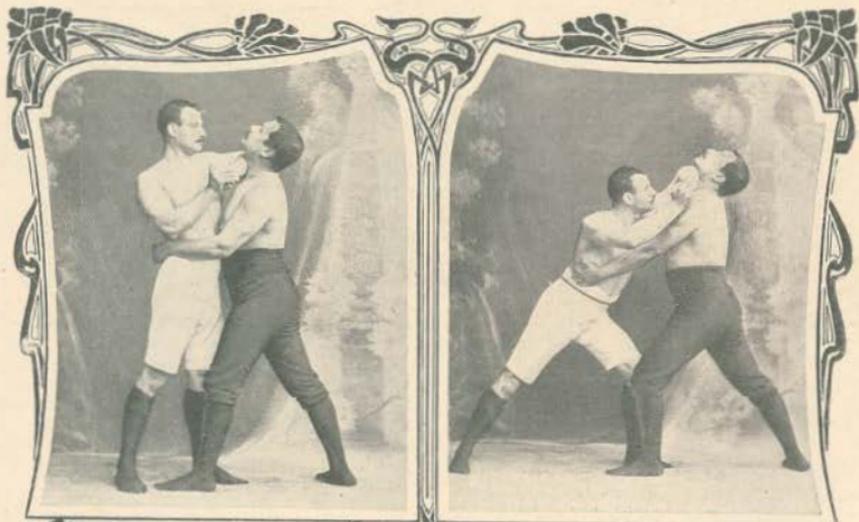
Um mez ou mez e meio depois de Oronte se retirar, veiu a Lisboa um outro luctador-athleta de nome Gerardi, que luctou com um saloio do Zambujal, a quem, depois de um primeiro encontro de puro *chiqué*, venceu n'um outro com a maior facilidade. Os amadores do grupo do sr. Pedro del-Negro instaram com este senhor para que luctasse com Gerardi, visto já a esse tempo se mostrar um luctador bastante habil e de apreciaveis faculdades; o sr. del-Negro, porém, não annuiu, e, ao contrario do que já disse um jornal sportivo, nem mesmo recebeu lições de Gerardi, que entretanto as deu a alguns socios do Real Gymnasio Club. Dos que estudaram lucta no Real Club Velocipedista de Portugal foi o sr. del-Negro o unico que continuou exercitando-se por muito tempo n'este ramo do *sport*, mas por fim viu-se forçado a abandonal-o por falta de adversarios, pois que mais ninguem o praticava.

Decorreram annos sem que entre nós se falasse ou pensasse sequer em lucta, até que, em fins do anno passado, devido ao sr. José Pontes—que innegavelmente tem sido em Portugal, nos ultimos tempos, o mais dedicado propagandista do movimento sportivo—a revista *Os Sports*, de que é proprietario e director, organisou, com a coadjuvação do Real Gymnasio Club Portuguez, o primeiro campeonato nacional de lucta para amadores.

Depois de uma serie de *poules* eliminatorias, realisou-se no salão de gymnastica do Real Gymnasio Club, no dia 31 de dezembro do anno passado, a primeira *poule* do campeonato, reservada aos amadores da categoria dos leves, e na noite de 4 de janeiro d'este anno, no salão da Trindade, a *poule* dos luctadores medios e pesados. Este campeonato teve como resultado ser proclamado «Campeão dos luctadores leves» o sr. Abel Monteiro de Macedo, socio da Real Associação Naval, ficando classificado em segundo logar, na mesma categoria, o sr. José Carlos Martyres, do Real Gymnasio Club Portuguez, em terceiro o sr. Aureliano Eirado, do Club Naval Madeirense, e em quarto o sr. Armando Monteiro de Macedo, do Cruz Negra Foot-ball Club. Na categoria dos medios e pesados foi proclamado campeão o sr. Ribeiro da Fonseca, ficando classificado em segundo logar o sr. Candido Silva, ambos socios do Club Naval Madeirense.

O sr. Cesar de Mello, que estava inscripto para este campeonato, na categoria dos luctadores de peso medio, não poude tomar parte na respectiva *poule* por motivo de doença, mas desafiou para um *match* o campeão proclamado, a fim de disputar-lhe a posse da «taça Holbeche», instituida pelo distincto *sportsman* sr. Duarte Alexandre Holbeche, e adjudicada ao mesmo campeão. Esse *match* realisou-se no Centro Nacional de Esgrima, ficando vencedor, e conseguintemente detentor da taça, que ainda conserva em seu poder, aguardando que algum outro luctador o vença em novo *match*, o sr. Cesar de Mello.

N'este campeonato, que despertou enthusiasmo e fez renascer o gosto pela lucta, serviu de arbitro o conhecido athleta e luctador sr. Manuel Egreja, um dos que entre nós melhor conhece as regras e preceitos da lucta, que estudou lá fóra com os grandes mestres, e que em tão espinhoso encargo deu provas cabaes da sua grande competencia, integridade de caracter e absoluta imparcialidade.

Ao campeonato nacional de lucta para amadores se-

8
3.ª defeza da cintura pela frente
[1.º tempo]

9
3.ª defeza da cintura pela frente
[2.º tempo]

10
4.ª defeza da cintura pela frente

11
Cintura pela frente com prisão
de braços

Cesar de Mello — Pedro del Negro — Ribeiro da Fonseca

guiu-se, tambem organisado pela revista *Os Sports* com a coadjuvação do jornal francez *L'Auto*, o «Campeonato internacional de lucta para profissionaes», realisado ha cêrca de um mez no Colyseu dos Recreios, e que, como todos ainda se recordam, causou um enthusiasmo dos mais intensos e vibrantes e apaixonou verdadeiramente o publico, attrahindo áquella casa de espectaculos enchentes colossaes, e podendo por isso considerar-se como a definitiva consagração da lucta em Portugal.

Os vencedores d'esse campeonato, dotado com dez mil francos de premios, foram: 1.º Paulo Pons, o grande luctador aureolado pelos maiores triumphos, 2.º Apollon, um dos profissionaes da actualidade de mais extraordinarias qualidades athleticas, 3.º Schackmann, o celebre «estrangulador» que transforma todas as luctas em que entra em verdadeiras scenas de pugilato, 4.º Pietro II, mais brutal ainda que Schackmann, e sem as qualidades que até certo ponto tornam sympathico aquelle seu rival; em 5.º logar ficou classificado Bonelli, em 6.º Pickplang, em 7.º Van-der-Berg e em 8.º Limousin, todos estes, luctadores de grande merito e recursos.

Este campeonoto, que decorreu com toda a regularidade possivel entre profissionaes, apezar de tudo quanto em seu desabono então se propalou, alcançou, como já dissemos, um exito colossal, um verdadeiro triumpho, para muitos inesperado, mas que nenhuma surpreza deve ter causado aos que conhecem a indole meridional do nosso povo, que se deixa sempre possuir do mais caloroso enthusiasmo por todos os espectaculos em que se exhibe a força do homem, em toda a sua dominadora e corajosa pujança.

A lucta nas salas d'armas e nos clubs de «sport» ◎ Como deve ser praticada para que tenha acceitação n'esses centros ◎ Condemnaveis praticas dos luctadores profissionaes ◎ As grandes provas classicas de lucta ◎ Correcção que se deve exigir aos luctadores ◎ Noções geraes sobre lucta ◎ Traje e regimen hygienico ◎ Preceitos a seguir durante os assaltos

Deve a lucta figurar nas salas d'armas e nos clubs de *sport* como um dos exercicios mais bellos e mais viris que a antiguidade nos legou. Para isso, porém, é indispensavel que d'ella sejam banidos por completo todos os expedientes grosseiros, todos os estratagemas desleaes e violentos, tendentes a submetter pela dôr physica, e a que frequentemente recorrem os luctadores de profissão, com o fim de alcançarem a todo o transe a victoria com que pretendem deslumbrar o publico, e ao mesmo tempo obter os premios destinados aos torneios em que tomam parte. Outras vezes as luctas entre esses profissionaes, embora aos olhos dos não iniciados nas regras e preceitos d'este ramo de *sport* possam affigurar-se violentas e terriveis, não pas-

Manuel Egreja — José Pontes — Abel de Macedo

12
A ponte

13
1.º tempo da cintura por detraz

14
2.º tempo da cintura por detraz

sam de *matchs* levados a effeito com previo accordo dos golpes a empregar, bem como dos incidentes de toda a ordem que occorrem, taes como disputas, discussões, desqualificações, etc., que o publico entretanto acceita quasi sempre na melhor boa fé. Devemos, porém, dizer, por ser isso de justiça, que, mesmo entre profissionaes, ha provas organisadas com toda a seriedade, que annualmente reunem os homens mais fortes do mundo, em recontros serios, ao abrigo de irregularidades. Taes são, por exemplo, entre outras provas classicas que em França se disputam, a do campeonato do mundo, os criterium internacionaes, e o torneio da Cintura de Ouro. Em taes condições esses espectaculos de lucta são sem duvida dos mais bellos e interessantes, fazendo vibrar de commoção e enthusiasmo os nervos dos espectadores.

Tornando, pois, a lucta um verdadeiro *sport*, correcto, elegante e cortez, conseguir-se-ha facilmente que ella se vulgarise entre pessoas a quem naturalmente repugnam, por temperamento e educação, todas as brutalidades reveladoras de baixeza de sentimentos. A lucta não é nem póde ser um combate odiento e rancoroso, mas sim a primeira de todas as gymnasticas, não devendo portanto nenhum luctador esquecer-se de que a palavra *adversario* não quer dizer *inimigo*, e que de nenhum modo é desdoura ser vencido. O que avilta, o que deprime, é deixar prevalecer a brutalidade do instincto, e recorrer a processos ou ardis desleaes, ou a golpes considerados perigosos ou molestos para o adversario, pois que tudo isto não póde deixar de repugnar ás consciencias dignas, visto que o fim da lucta não é *vencer*, mas sim desenvolver a força muscular e exhibir coragem, dextreza e sangue frio. É n'este ponto de vista póde o vencido muitas vezes alcançar um triumpho bem maior que o do vencedor.

Para luctar com facilidade e desembaraço é indispensa-

vel que os movimentos não sejam por qualquer forma peiados ou constrangidos, e que todo o corpo tenha completa liberdade de acção. Attinge-se este resultado com o *naillot;* mas, como este dá, a quem o enverga, um aspecto de saltimbanco que convém evitar, o traje mais proprio a substituil-o consiste n'um calção de fazenda fina, resistente e bastante amplo, preso por um cinto de flanella ou casimira. Ha quem diga que este calção deve descer até á barriga da perna para evitar que os joelhos se esfolem; outros, porém, optam pelo calção mais curto, de modo a conservar livre a articulação do joelho, o que nos parece preferivel. O cinto deve dar tres ou quatro voltas e não ser muito largo; não convindo que seja de cabedal, em primeiro logar porque a respectiva fivella poderia ferir o adversario, depois porque o cabedal se não adapta bem aos movimentos do corpo. O calçado deve ser muito fino, de sola espessa e solida e salto baixo e largo, para que os pés possam firmar-se bem. O busto apresentar-se-ha inteiramente nú, a fim de offerecer menos presa ao adversario, as unhas cortadas res-vés dos dedos para evitar arranhaduras e os cabellos e barba o mais curtos possivel.

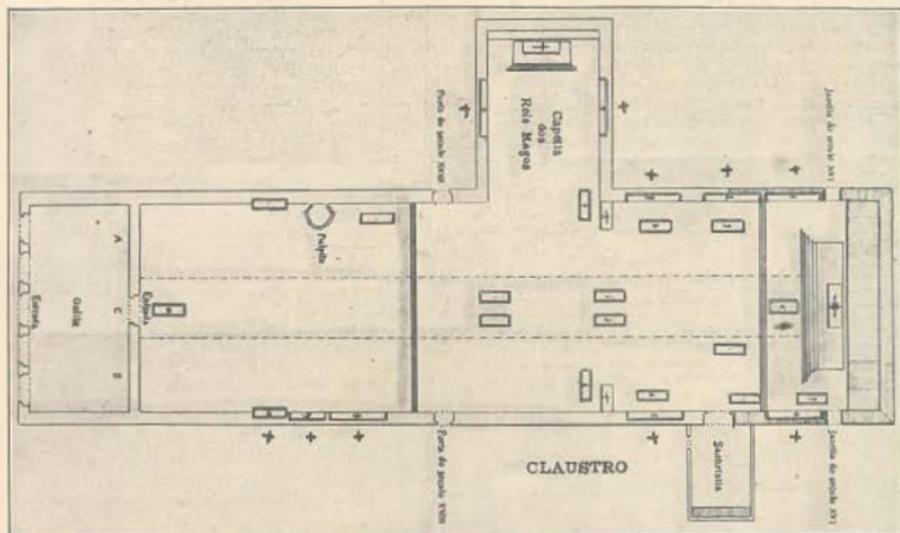
No tocante ao regimen alimentar a seguir, o ponto capital está na sobriedade. As bebidas alcoolicas devem ser cuidadosamente evitadas, visto que, além de diminuirem a resistencia physica, póde o excesso de calor que produzem no sangue provocar uma congestão. Em comida não ha que aconselhar a preferencia de uns alimentos sobre outros, pois de todos se póde fazer uso, excepto tratando-se de pessoas predispostas a engordarem excessivamente, e ás quaes convirá evitar os farinaceos, as especiarias picantes e salgadas e os alimentos gordos.

Não se deve beber a cada refeição mais de meia garrafa de vinho, pouco alcoolico, e no fim tomar-se-ha uma chavena de bom café bastante forte.

Quando se queira effectuar uma lucta é prudente esperar que a digestão esteja concluida. Se durante um assalto o luctador tiver necessidade de descançar nunca deverá beber, qualquer que seja a séde que sinta, e ainda depois de concluido o assalto convirá que espere, antes de tomar qualquer bebida, pelo menos um quarto de hora, sendo ainda assim preferivel ingerir um liquido quente.

Terminado um assalto, não deve o luctador sentar-se, mas sim passear lentamente, para dar aos musculos e ao sangue occasião de se acalmarem suavemente, sem uma transição demasiado brusca; e ao mesmo tempo friccionar-se-ha com uma toalha dobrada, formando aspa com o corpo, e pelas extremidades da qual, seguras nas mãos, puxará alternadamente. Tendo para isso a conveniente installação no local onde se encontre, é de vantagem, logo que a respiração readquira o seu normal funccionamento, tomar um banho frio e fazer em seguida novas fricções.

Um assalto de lucta póde durar muito tempo, e, como o adversario tem o direito de recusar o repouso, indispensavel se torna que o luctador se previna contra a falta de folego, pois de contrario póde algumas vezes ser vencido, não por effeito de um bom golpe, mas sim pela suffocação. A uma respiração facil e livre corresponde a regular circulação do sangue, do que resulta que a boa execução dos exercicios athleticos, de que a lucta é a mais formosa reproducção academica, se deve em grande parte á respiração. Por isso, para não alterar o funccionamento dos orgãos respiratorios, diligenciará primeiro que tudo o luctador manter-se tranquillo, e não se apressar, evitando todas as prisões com habilidade e a proposito, mas sem precipitação, só devendo proceder rapida e vigorosamente quando tenha de vibrar e executar um golpe. Se este porventura lhe falhar, deverá pôr-se com a maior presteza em guarda, e esperar occasião mais favoravel, mantendo-se na defensiva. O luctador calmo e sereno, que em todos os transes e peripecias de um assalto sabe conservar o sangue frio, triumpha facilmente d'aquelle que, perdendo a serenidade, se deixa arrebatar. *(Continúa).*

O PANTHEON DOS SILVAS

Topographia das sepulturas

(Vide artigo «O Pantheon dos Silvas», pag. 48—n.º 25)

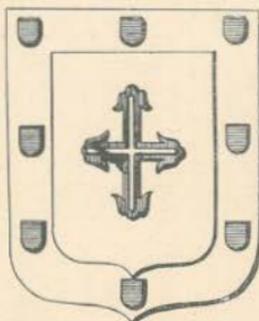
Aguiar

Aguiar. Em campo de ouro, uma aguia vermelha, aberta e armada do preto.
Timbre: a mesma aguia.

Alarcão

Alarcão. Em campo sanguinho, uma cruz de ouro florida e vasia, orla azul carregada de oito aspas do mesmo metal; a orla dividida do campo por uma cotica de ouro.
Timbre: a cruz do escudo.

Alardos

Alardos. Em campo vermelho, tres flôres de liz de ouro, em roquete, com um crescente de prata no centro.
Timbre: um alão de prata, rescente, com uma colleira sanguinea guarnecida de ouro, e tendo uma flôr de liz na garra direita.

Albergaria

Albergaria. Em campo de prata, uma cruz sanguinha aberta, com uma orla do mesmo metal dividida por um filete preto e carregado de oito escudinhos das quinas do reino.
Timbre: um dragão sanguinho volante.

OS PEQUENOS ANNUNCIOS NA **Illustração Portugueza**

A **Illustração Portugueza**, no intuito de facilitar a propaganda nas suas paginas e pôr ao alcance de todas as bolsas a publicidade por meio de annuncios, communicados e correspondencias inaugurou uma secção de **PEQUENOS ANNUNCIOS**, por meio dos quaes toda a gente póde facilmente corresponder-se.

Os **PEQUENOS ANNUNCIOS** da **Illustração Portugueza** comprehendem duas categorias:

1.º **PEQUENOS ANNUNCIOS PARTICULARES**, comprehendendo as offertas de serviços e procura de emprego ou trabalho [professores, lições, secretarias, modistas, creados, etc., etc., etc.].

Correspondencia mundana e propostas de trocas de bilhetes postaes, sellos e informações sportivas, etc., etc.

2.º **PEQUENOS ANNUNCIOS COMMERCIAES**, comprehendendo d'uma maneira generica tudo o que se refere a negocio, que trate d'uma venda ou compra de qualquer producto, etc., etc.

Cada **PEQUENO ANNUNCIO** recebido será marcado na administração da **Illustração Portugueza** com um numero será publicado com esse numero; todas as pessoas que quizerem responder a qualquer **PEQUENO ANNUNCIO**, devem escrever a sua proposta ou resposta [com todas as indicações bem legiveis] mettel-as n'um enveloppe fechado apenas com o numero correspondente ao annuncio, e estampilhado com a franquia de 25 réis para Portugal e Hespanha e 50 réis para o estrangeiro; esse enveloppe deve ser mettido n'outro sobrescripto dirigido á administração da **Illustração Portugueza** secção dos **PEQUENOS ANNUNCIOS**, que se encarregará de a remetter ao interessado.

PREÇOS

Um espaço de 0m,05 de largo por 0m,02 d'alto

Correspondencia mundana, uma publicação...... 1$000 réis, 4 publicações 2$500 réis
Annuncios commerciaes, uma publicação......... 800 réis, 4 publicações 2$000 réis

NOTA — Todos os annuncios d'esta secção devem ser remettidos á administração da **Illustração Portugueza** até quarta-feira de cada semana.

Aguas mineraes do Monte-Banzão
COLLARES

Peçam em toda a parte
Rua do Arco do Bandeira, 216, 2.º — LISBOA

"Carliqso"
Marca registrada
SABÃO LIQUIDO DESINFECTANTE
TIRA TODAS AS NODOAS DAS ROUPAS, SOBRADOS PORTAS, PAREDES, ETC.-DESINFECTANDO AO MESMO TEMPO
SERVE PARA LAVAR TUDO!!!
• LOJA "UTILIDADE" •
RUA AUREA 150-152 LISBOA

Uma bocca sã e uma bocca fresca só tem quem usa o

ANTISEPTOL

Elixir dentifrico=acido e neutro

Estomatol

Pó dentifrico=alcalino e acido

Formulas do DR. AMOR DE MELLO

Pharmacia Avellar

225, Rua Augusta, 227

Antiga agencia funeraria

DE

THIAGO EGYDIO TORRES

SUCCESSOR DE SEU PADRINHO

Thiago Egydio da Paz

RUA DE S. JOSE', 9 a 13

(Junto ao Largo da Annunciada)

LISBOA

Fornece com toda a seriedade e rapidez todos os utensilios para funeraes desde o mais modesto ao mais pomposo por preços os mais limitados.

Unica casa em **Lisboa** que tem maior numero de **urnas** ricas em exposição, em mogno e pau santo, lisas, entalhadas, etc.

Grande variedade em urnas para crianças.

Completo sortimento de **corôas** em panno e biscuit, nacionaes e estrangeiras.

Encarrega-se de trasladações nos cemiterios da capital, para as provincias e estrangeiro tendo para isso pessoal habilitadissimo.

Trata-se a toda a hora da noite

9 a 13, Rua de S. José, 9 a 13 (junto ao Largo da Annunciada)

LISBOA